

Gravação: o_pessoal_e_politico

Duração do Áudio: 00:52:53

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Carla Rodrigues
Orador B	Schuma Schumacher
Orador C	Hildete Pereira de Melo
Orador D	Fátima Setubal
Orador E	Adelia Borges
Orador F	Anna Marina Barbara Pinheiro
Orador G	Liv Sovik
Orador H	Narrador
Orador I	Helena Hirata
Orador J	Therezinha Zerbini
Orador K	Heloisa Buarque de Holanda

Orador L	Não identificado
Orador M	Orador M:
Orador N	Jurema Werneck

Orador A: A primeira vez que uma menina houve uma frase do tipo "você não pode fazer isso porque você é menina" ela dali em diante ela tem duas escolhas: aceitar dado como natural, é realmente, não posso fazer isso porque eu sou menino, então eu vou fazer outra coisa; ou perguntar por quê? Por que eu não posso fazer isso porque eu sou menina? E por que eu sendo menino só posso fazer aquilo?

Orador B: Nós tivemos aquilo que é chamada da primeira onda feminista, né, que na verdade foi a luta pelo acesso à educação, pela educação de qualidade e pelo direito de sermos cidadãs. Até trinta e dois as mulheres as mulheres não eram consideradas cidadãs no Brasil. Você vai ter depois uma ditadura Vargas, depois você tem um período de democracia no Brasil muito curto e vamos ter de novo o golpe militar de sessenta e quatro.

Orador C: Quando veio o golpe de sessenta e quatro, eu era do... Tesoureira da União dos Estudantes da Paraíba. Tava ligada ao partido comunista, então já era uma... Já lutava pelo... Pelo ideário que você poderia chamar de esquerda, mas eu sabia que nós éramos uma exceção. Em Campina Grande havia muito poucas meninas e moças que se envolviam com política. No jornal do partido, era um jornal chamado Novos Rumos, havia uma única mulher que escrevia no jornal. Em todo o jornal só tinha uma colunista, chamada Zuleika Alambert. E eu tinha assim uma admiração, poxa, tem uma mulher que escreve. E tinha uma outra pernambucana lá em Recife que trabalhava no governo Arraes, Eliana Aureliano, que falava na rádio. Era pleno governo Arraes, era a efervescência pela reforma agrária. Em Campina Grande tinha uma advogada que fazia a luta que defendia as ligas camponesas, a Ofélia Amorim. Então essas mulheres elas são todas mais velhas que eu. Então elas eram... Foram um pouco o espelho de que havia uma possibilidade. E eu não queria a vida das mulheres da minha terra. Eu queria trabalhar, ganhar o meu sustento e ser dona do meu nariz.

Orador B: Desde criança eu tinha um incômodo com o lugar da minha existência no mundo, que era o lugar das mulheres, né? Vivía numa cidade muito pequena do interior, onde tava muito explicitado o lugar onde as mulheres deveriam estar, qual era o papel esperado das mulheres nessa época, né, onde eu era uma jovem adolescente. Primeiro, nós ainda não éramos cidadãs por inteiro. Segundo, era esperando das mulheres com algumas exceções elas estudavam, senão não precisava, não era necessário. Necessário era saber cozinhar bem, saber receber, ser bem educada, saber cuidar da família, saber ter... Ser uma ótima administradora do lar. Então as mulheres eram preparadas para servir. Servir primeiro ao seu companheiro, seu marido, seu dono. Depois servir aos seus filhos, servir as pessoas da casa. Não tinha representação das mulheres no mundo da política. Quer dizer, isso era quase como

naturalizado que a nós cabia primeiro obedecer aos pais, ao pai, e depois obedecer aos companheiros. E que a sua vida estava atrelada. O seu sucesso, a sua existência estava muito atrelada na sua capacidade de conquistar aquele que vai te acompanhar para o resto da vida desde que você muito bem se comporta.

Orador D: Por ser mulher, era proibida de algumas coisas que meus irmãos podiam e eu não. Né? O meu pai proibia, não, seus irmãos podem, mas você não pode. Esse era comum nas famílias, mulheres não poderem chegar em casa tarde, dormir fora. Né? O homem podia transar, era comum antes do casamento, a mulher tinha que casar virgem. A pílula que tinha chegado naquela ocasião ao Brasil assim era... Tinha que se fazer escondido, né? As famílias não sabiam que a moça, mulher jovem tomava pílula. Tinha que fazer tudo escondido. É clandestino.

Orador E: Sou sétima filha, e fui educada para ser dona de casa, para ser... Inclusive na minha casa, meus pais com pouca instrução, o meu pai dizia: você não precisa estudar, você vai casar, para que que você vai... Você precisa estudar? Mas minha mãe, não, sempre nos estimulando e estimulando as filhas mulheres especialmente a terem uma carreira, terem uma profissão, pra poderem se satisfazer, ter uma vida mais plena e não só ficar circunscrita ao ambiente doméstico como ela própria teve que ser assim. Então eu acho que desde pequena eu tinha essa visão de que poderíamos alçar voos e tudo.

Orador F: A segunda do feminismo no mundo surge em meados dos anos sessenta, o movimento hipie, revolução sexual, é meio esse o marco. A gente pode recuar um pouquinho, trabalhar a Simone de Beauvoir como a autora mestra, né, que puxa toda a discussão sobre o feminino ser uma construção, né? E aí o livro da Beauvoir é do final dos anos quarenta, quarenta e nove, mas vai ecoar realmente no final dos anos cinquenta, início dos anos sessenta.

Orador D: Os anos sessenta foram os anos de contestação de maneira geral. E as mulheres emergiram nos seus movimentos daí, os seus direitos. Então foi o movimento negro, das chamadas minorias hoje. O movimento das mulheres, e depois dos homossexuais. Começou a partir daí a minissaia. Né? A pílula anticoncepcional. Né? Como foi importante a pílula, né? Pra liberdade da mulher ter a sua sexualidade, transar e poder escolher o momento de ter filho.

Orador G: Eu sou dos anos sessenta. Eu fui estudante nos anos sessenta. E todas as minhas colegas de faculdade foram influenciadas fortemente pela... Pelo movimento feminista porque as nossas mães já estavam... Né? Americanas, já estavam naquela situação onde elas pensavam, "mas se eu tivesse tido oportunidade o que teria acontecido comigo?" E a minha mãe, de fato, foi das poucas que conseguiu se realizar profissionalmente apesar de ter começado muito tarde. Mas muitas mães das minhas colegas eram pessoas muito inteligentes e formadas que não conseguiram. E então nossa geração entendeu isso, que nós tínhamos oportunidades que poucas pessoas... Poucas mulheres tinham tido antes. E isso nos deixou feministas sem estudo. Eu estudei pouquíssimo feminismo, mas eu me considerava feminista

por herança, né? Eu fui... Sou filha de feminista.

Orador C: Essa segunda onda ela tá presa aos anos sessenta. Eu morei na França, e eu estava em sessenta e oito na França. O meu filho mais velho nasceu no dia da última barricada de Toulouse. Eu tava na cidade de Toulouse, meu marido fazia doutorado. Eu também, mas eu não consegui defender a tese. Como se diz agora, me enrolei, né, com a maternidade, com a... E com as dificuldades inerentes a essa questão. E esse movimento da... A revolta estudantil dos anos sessenta e oito tá junto com a guerra do Vietnã. Quer dizer, houve uma explosão nos campus universitários norte-americanos. E as mulheres tinham aumentado o contingente feminino com mais educação. E isso tinha criado o que nós chamamos dessa segunda onda que não é mais a luta pelo direito ao voto, e agora era uma luta em que dizia "nosso corpo nos pertence". O privado é político. E essas questões tinha assim explodido desde mil novecentos e sessenta e oito no mundo europeu e o norte-americano, e de certa forma ele reflete-se aqui também, e chega aqui. Só que aqui nós tamos vivendo uma ditadura. É o AI5.

Orador H: Sua excelência o senhor presidente da república reuniu hoje o Conselho de Segurança Nacional para que fosse adotada uma relevante decisão: preservar e salvaguardar, defender os ideais da revolução de março de mil novecentos e sessenta e quatro. E, assim, que sua excelência o senhor presidente da república, após ter ouvido os membros do Conselho de Segurança, resolveu baixar um ato institucional que tem como finalidade fundamental preservar a revolução de março de mil novecentos e sessenta e quatro, a fim de que possamos, saneando esse clima de inquietude, que gera a desconfiança, o desconforto e procura de qualquer forma atingir o regime em que precisamos defender, baixar um ato institucional. Este ato instrucional dá ao governo da república os meios necessários e os instrumentos legais adequados para, assegurando a ordem e a tranquilidade, realizar os propósitos e os fins da revolução de março de mil novecentos e sessenta e quatro.

Orador F: E na minha perspectiva, as primeiras feministas da segunda onda brasileira são as mulheres que foram para a luta armada, né. Que vão tá fazendo um questionamento muito profundo dos papéis de gênero ao entrarem na arena pública política pegando em armas. Entendeu? Quando elas entram na luta armada, elas tão ali, na minha perspectiva, sendo absolutamente feministas, né? Porque tão fazendo questionamento extremamente profundo dos papéis tradicionais de gênero. Mas a esquerda também tem o seu moralismo, né?

Orador I: Eu militei aqui no Brasil, na época da ditadura, né, entre sessenta e oito e setenta e um, quando fui me exilar na França, e nessa época militava numa organização clandestina, porque todas as organizações eram clandestinas fora a Arena, né, na época. E nessa época as organizações políticas de esquerda todas não tinham nenhuma perspectiva feminista. Então nós não tínhamos mesmo nenhuma ideia de que deveríamos poder, enquanto mulheres, ter uma proposta própria. E eu me lembro que na época, por exemplo, diziam pra nós, mulheres, que nós não podíamos ficar grávidas porque um bebê ia ser um risco muito grande em relação a repressão, porque poderia ser muito mais fácil pra repressão localizar um casal clandestino ou uma mulher clandestina com filho que se não tivesse... Né? Sem filhos é mais fácil de

você se proteger da repressão.

Orador C: Os companheiros dos partidos políticos, de esquerda, não viam com muito bons olhos a gente não. Dizia que a gente não... Que aquilo era uma divisão do movimento de classe.

Orador E: Que nos ambientes de esquerda se falava "não, primeiro você tem que garantir a democracia no país como um todo, e tem que garantir condições melhores pra sociedade como um todo, e depois discutir essas questões como essas questões da mulher, que seriam então consideradas questões secundárias".

Orador D: Nós enfrentávamos problema de machismo em todos os setores. Em relação a militância política existia também. Nós éramos consideradas como assim mais frágeis, então teríamos que ser protegidas. Coitadinha e tem que ter um certo cuidado com a mulher, né, com a companheira. Né? Se ela for torturada ela pode abrir. Ele falava "companheiro, cuidado, né, se você for preso no primeiro choque você vai abrir tudo". E às vezes ele é que no primeiro choque não aguentava. A questão da tortura é uma questão inumana, que você pode ter um comportamento de fraqueza não porque você seja fraco, mas porque o seu limite é humano. Tortura é inumano. Então tanto o homem como... Quanto mulher pode não aguentar e falar. E muitas vezes mulheres foram até mais forte. Então a companheira era aquela coisa de se você não tivesse uma personalidade assim pra se impor você era tida como inferior, como coitadinha. No cárcere, na prisão política ela era incrivelmente discriminada, e, se pro homem já era pro terror, imagina pra mulher. Né? Humilhada. Na ficha já vinha assim: nome, filiação, organização a que pertencia, ficha que nós mal chegávamos na prisão tínhamos que preencher. E amantes, quantos amantes, quais eram o nome dos amantes. Não era assim marido, companheiro, namorado, não. E era no plural. Né? Eu me lembro de eu falar assim: eu não tinha... Eu não tenho amantes, eu tenho um namorado, que era o José [Benício] de Freitas, o Bené, que tava preso também. Eu falei "eu tenho um namorado". Né? Não... Mas eles diziam "é amante, e quantos amantes você tem?" E ainda dizia "não, você tem mais de um". Era normal o assédio sexual. A primeira coisa que se fazia é mandar você tirar a roupa. Tanto homens como mulheres. Agora imagina uma mulher nua. Chegavam e passavam à mão, "aí, gostosa! E aí? Vai falar ou não vai?" Te dava logo... Os choques eram nos seios, na vagina. Né? "E agora? Tá gostando? Tá gozando? Tá tendo prazer?" Era esse tipo de tortura.

Orador C: Eu cheguei da Europa no AI... Com o AI cinco. É o período mais fechado do regime político brasileiro. Vai levar um tempinho, quer dizer, a segunda onda vai chegar no Brasil quando, por pressão das mulheres europeias e americanas, a ONU se rende a essa questão e convoca a primeira conferência da mulher que foi na Cidade do México. Os governos militares, que era o General Geisel, como não queria fazer papelão, fizeram uma delegação. E imagina quem foi que eles convidaram para ser a chefe da delegação brasileira? A Bertha Lutz, um dos maiores nomes produzidos pela sociedade brasileira do século vinte. A Bertha Lutz era uma senhora, já idosa, e tava até meio doen... Adoentada, mas ela foi. Ela

era uma mulher de muita fibra. Foi pro México pra... Pra conferência, chefiando a delegação brasileira do Itamarati. Então essa... O fato do Brasil ter mandado a delegação de mulheres para a conferência do México de ensajou que esse grupo de cariocas, Mariska Ribeiro, Branca Moreira Alves, Comba Marques Porto, Jacqueline Pitanguy, Leila Linhares, Moema Toscano, Rose Marie Muraro, foram as artífices dessa explosão que acontece em mil novecentos e setenta e cinco aqui, e que depois disso é o que a gente... É a consolidação da segunda onda.

Orador F: O marco oficial considerado da segunda onda do movimento no Brasil é o congresso de setenta e cinco, né? A ONU decreta o ano de mil novecentos e setenta e cinco como o ano internacional das mulheres. E aí as feministas que já tavam se articulando, um pouco essas mulheres que vinham do exílio, né, já tavam se articulando nos grupos de reflexão descobrem que essa é uma boa oportunidade pra vir a público, né? E aí organizam esse congresso pra articular publicamente as feministas que já tavam começando a se reunir pra ler bibliografia feminista importada da Europa, dos Estados Unidos, e pra fazer o que se chamava serem as linhas da vida. Uma mulher começava a falar sobre menstruação, aborto, coisas do gênero, aí a outra se identificava, falava. Eram pequenos grupos num momento em que a perseguição à guerrilha tava no auge, a tortura tava no auge.

Orador B: Mil novecentos e setenta e cinco, as... As ONU, as Nações Unidas acataram, né, e resolveu decre... Declarar como o Ano Internacional das Mulheres. Aí com esse manto de ser o ano internacional das mulheres, decretado pelas Nações Unidas, as brasileiras, né, aquelas mais radicais, com manguinha de fora, pensaram uma estratégia muito bem sucedida, quer dizer, ou seja, buscaram parcerias com instituições no Brasil, né, com espaço legislativo, com Associação Brasileira de Imprensa, etc., para promover um seminário, porque nós estávamos aqui no Brasil sob ditadura militar. Então qualquer reunião com mais de cinco podia ser um atentado contra a ditadura. Tá certo? Quer dizer, havia obviamente uma possibilidade de repressão. Então precisava pensar numa estratégia, então as mulheres pensaram... As feministas, ou ainda nem se nomeavam como feminis... Pensaram uma estratégia de fazer um seminário aproveitando a década da mulher, decretada pelas Nações Unidas, para discutir o papel das mulheres na sociedade brasileira. Obviamente que isso muito timidamente, com muito cuidado, né, pra não sofrerem represálias da ditadura no Brasil. Mas eu acho que dali tem uma semente ou então pelo menos a horta foi cavocada... Cavocada e começa a brotar aquilo que tinha sido deixado pela primeira onda feminista.

Orador C: Quando houve a semana da mulher na ABI em mil novecentos e setenta e cinco, porque o Brasil ia participar da conferência na ONU, a primeira conferência da ONU, e um grupo de mulheres do Rio de Janeiro tiveram a ideia de fazer um seminário com o patrocínio da ONU, aí a... Você não tinha problema com os militares, e todo mundo foi pra lá, foi uma retumbante... A conferência tinha... A ABI ficou lotada, mas o que mais me chamou a atenção foi que o... Naquela época um dos jornais que tinha uma grande circulação no Brasil era o Jornal do Brasil. A manchete do Jornal do Brasil era: Celso Furtado diz que a revolução das mulheres é a coisa mais importante da segunda metade do século vinte". E eu caí, eu

fiquei estarecida. Nós tínhamos botado quatrocentos mulheres, tinha tido um debate caloroso, fundou-se uma... Um grupo feminista no Rio de Janeiro. E a manchete do jornal era o único homem que tinha falado na conferência. Quer dizer, claro que era o Celso Furtado, porque o Celso Furtado era casado com uma feminista. Então ele era simpático à ideia e tal, e ele... Ele realmente disse ele, era a manchete, mas o homem é que era a manchete. Aí eu digo "pô", eu falei "não tem jeito, a gente tem que permanecer na... Na luta pra criar uma identidade pra que a sociedade nos reconheça como alguém que não é só mãe e cuida da casa, e do marido, dos homens".

Orador F: Surge do primeiro congresso o Centro da Mulher Brasileira, que é considerada a primeira ONG feminista do país, com feministas históricos, como a Rose Marie Muraro. E surgem os jornais, o Brasil Mulher e o Nós Mulheres, né, organizados com o objetivo de fazer essa divulgação aí do movi... Dos ideários, né, do ideário do movimento que era a partir de impressos, né?

Orador C: A gente tinha uns... Um grupo de colegas do meu marido, que eram todos que vinham do ITA. E aí nós fazíamos umas reuniões e as mulheres eram muito caladas. Então por conta dessa efervecência eu tive a ideia de organizar um grupo com elas, com essas minhas amigas pessoais, mas que tinham algumas tinha mais envolvimento político mais que outras pra, pra estudar. E aí a gente começou, o livro que a gente... Que eu escolhi, que elas toparam, foi o livro da Saffioti. Era a tese de doutorado da Saffioti, que foi defendida em sessenta e sete na USP, que era sobre a questão feminina, né? Sobre as mulheres. E aí essa leitura do livro da Saffioti nos levou, o grupo todo, o Centro da Mulher Brasileira que tinha sido acabado de ser fundado.

Orador B: Existe o Centro da Mulher Brasileira no Rio de Janeiro, mas existia também o Centro da Mulher Brasileira em São Paulo, que tinha objetivos muito comuns, mas eles tinham autonomia completa um e outro. O primeiro livro que me deram pra ler foi um livro do Engels, sobre família, propriedade e Estado, se eu não me engano. É esse livro, é uma bíblia do Engels, mas a gente lia... Naquela época, lia-se Simone de Beauvoir, né? A Simone de Beauvoir estava no auge, e até porque também o feminismo no Brasil da segunda onda conta muito com as brasileiras que estavam exiladas na Europa, especialmente exiladas na França. Então elas tavam voltando, era a época também da luta pela anistia, pelo retorno, e aí com isso também trouxeram na bagagem um pouco da influência, né, do chamado feminismo francês da época do qual a Simone de Beauvoir era uma referência.

Orador J: Em mil novecentos e setenta e cinco, eu via rara oportunidade de começar um trabalho político firme e consequente. Foi o ano internacional da mulher que foi organizado pela ONU. Eles tinham como bandeiras igualdade, desenvolvimento e paz. E nós levantamos a bandeira da anistia como uma bandeira de paz.

Orador D: Eu participei de movimentos femininos pela anistia porque eu tinha um namorado que tava preso, depois foi exilado, e tive um irmão preso político, né? Então foi muito importante o movimento das mulheres. O papel das mulheres foi fundamental aí, como mães,

esposas de presos políticos, exiladas.

Orador K: Você tem a [TFP], a marcha das mulheres pela família, mas também na anistia teve mulheres que usaram o estereótipo da mãe para uma ação política. Eu acho interessante. Em nome da mãe, você pode chorar a morte de um filho e gritar que a ditadura é violenta, assassina etc., enquanto mãe, enquanto cidadã você não podia fazer isso. Então eu acho que teve essa operação que foi uma operação muito bonita de uso, de apropriação política da categoria mãe, que deu uma voz a mais a mulher ali como... Como resistência. A sagrada figura da mãe que tem que enterrar seu filho. Sabe? Que é um estereótipo assim muito belo. Quer dizer, é junto com dor, com a natureza da mulher. Quer dizer, todas as coisas que a gente não quer valorizar foram valorizadas de uma maneira extraordinariamente política e criativa naquele momento.

Orador D: Eu me lembro de eu ir até Brasília lutar por anistia ampla, geral e irrestrita, em mil novecentos e setenta e nove. Né? E nós do movimento feminino para a anistia távamos na vanguarda desse movimento pela anistia.

Orador L: Chegou o dia de encaminhar ao Congresso o projeto de anistia.

Orador K: A anistia foi carregada pelas mães, pelas mulheres, todo o movimento da anistia, em nome do filho e da mãe.

Orador F: A segunda onda está muito colada num feminismo de resistência à ditadura, né? É a anistia política, abertura política, mas também é a privatização do pessoal, né, a ideia de que o pessoal é político. Esse talvez seja o lema mais importante da segunda onda.

Orador C: Era uma luta que dizia "nosso corpo nos pertence, portanto privado é político". A violência ainda não aparecia com muita força. Né? Embora a violência e o direito de interromper uma gravidez indesejada era dos dois grandes motes que vai unir as mulheres no mundo inteiro.

Orador K: Dizia, assim, o pessoal é político, né, abrir uma tampa. A ideia era sair do sistema, mudar a vida, mudar as relações familiares, mudar o casamento, mudar a educação, mudar... Enfim, a festa e a praia eram arenas de discussão, de transformação social, de transformação do corpo, de transformação do desejo, de várias coisas que a gente não tinha na bandeira política, mas tinha na bandeira da cultura, da contracultura naquele momento. Todo mundo fazia análise, não sei onde é que arranjava tanto dinheiro pra fazer análise. Análise não é como agora não. Era cinco vezes por semana. Era uma atitude que era importante politicamente. A ideia era essa, abrir os horizontes e abrir as fronteiras do pessoal enquanto política. E um pouco isso. Claro que eu me separei nessa época, claro que... Quer dizer, claro que tudo aconteceu nessa época, quer dizer, nas nossas vidas.

Orador B: No final da década de setenta, como resultado inclusive das propostas que saíam dos congressos da mulher paulista, que foram estratégias muito bem-sucedidas. Nós tivemos três grandes congressos, em todo ano, no mês de março sempre, pra lembrar um oito de

março, pra atualizar a nossa agenda feminista etc. O tema da violência contra a mulher vai entrar com força na agenda. E as organizações que existiam em São Paulo neste momento resolveram sentar e dizer: esse é um tema da maior importância, precisa pensar uma estratégia e não tem por que uma organização não fazia parte do Centro da Mulher Brasileira não tinha por que uma única organização pensar isso. Vamos sentar juntas e pensar uma estratégia. Então juntaram-se as organizações paulistas da época, feminista, e com isso pensou-se em criar um espaço onde pudéssemos acolher as mulheres vítimas de violência que tinham muita dificuldade de fazer a denúncia numa delegacia de polícia. Até porque já sabiam desta cultura machista existente onde o que que acontecia? A mulher ao chegar pra denunciar logo o delegado dizia "não, minha senhora, é só tratar o seu companheiro bem hoje à noite, faça um agrado pra ele que tudo voltará ao normal". Então era considerado um crime de... Sem muita importância, era considerado em primeiríssimo lugar preservar, entre aspas, a família, não importa a que custo, e com isso as mulheres se sentiam responsabilizada pela violência que sofriam. Com isso vai nascer a ideia de se criar o SOS Mulher. O que que era o SOS Mulher, que vai nascer em mil novecentos e oitenta? Era um espaço de atendimento às mulheres vítimas de violência, onde elas poderiam vir conversar, contar, falar da sua angústia e da sua tristeza, e elas decidiam se queriam fazer o registro, uma ocorrência violência sofrida ou não. E nós tínhamos também nesse grupo de atendimento no SOS, nós tínhamos também advogadas, um grupo enorme de advogadas, que acompanhavam os casos, que assessoravam as mulheres, tudo isso gratuitamente. Tudo isso em nome de enfrentar essa tragédia que na verdade recaía sobre as mulheres e seus filhos. Então é assim que vai nascer o primeiro SOS. Teve... Isso chama a atenção enormemente da mídia. E vai provocar reação no Brasil inteiro, vai nascer SOS em várias partes do Brasil como uma estratégia de acolhimento. Um lugar onde as mulheres não serão julgadas, onde um lugar ninguém vai dizer que ela tá inventando, que ela é uma histérica, que ela deve voltar pra casa. É um lugar na verdade de acolhimento, de reflexão e de compreensão de que estruturalmente, quer dizer, baseado no patriarcado, na verdade, como é que isso vai ser construído e como é que nós teremos que reagir quanto a... Às violências, e especial ainda que estava em voga no Brasil os chamados crimes de honra. Né? Que eram os assassinatos de mulheres em nome da honra do assassino. Uma coisa bem bárbara que nós vivíamos nesse momento. E daí obviamente vai ter muitas consequências, porque depois do SOS você vai ter centro de orientação jurídica e psicológica pras mulheres, vai nascer aí a proposta de se criar delegacias especializadas de atendimento das mulheres, vai nascer aí casas-abrigos, que são aquelas mulheres que estão ameaçadas de morte. Vai nascer aí espaços de profissionalização pras mulheres, pra que elas possam sair deste lugar de violência onde ela tem uma dependência econômica do marido, onde talvez ela não tenha trabalhado, onde ela talvez não tenha uma profissão que possa sair dessa... Desse círculo de barbárie. Vai... E daí que você vai ter depois o Centro de Atendimento das Mulheres em Situação de Violência. É daí que você vai ter depois a Lei Maria da Penha, e daí depois que você tem hoje as Casas da Mulher Brasileira. Ou seja, cada vez mais se busca políticas públicas e também estratégias na sociedade civil pra enfrentar essa tragédia que as mulheres brasileiras vivem ainda hoje, infelizmente.

Orador E: A publicação de a Mística Feminina da Betty Friedan acho que ela foi bastante importante pro movimento feminista norte-americano e a Simone de Bevouar, com o seu livro O Segundo Sexo, foi muito decisiva pro feminismo europeu. Eu acho que no Brasil a gente li esses livros, né, tinham essas referências, mas não foram tão fortes quanto fora do Brasil. Agora também o que a gente teve é que muitas das mulheres que foram as líderes do movimento feminista no Brasil são mulheres que saíram exiladas por motivos de políticos, né, de repressão à esquerda, muitas dessas... Muitas pessoas que fizeram tanto o Brasil Mulher quanto Nós Mulheres eram mulheres que tinham sido exiladas na França onde tiveram bastante contato com as ideias da Simone de Bevouar e bastante contato com os movimentos feministas que eram bastante fortes.

Orador I: Na realidade eu não era feminista aqui no Brasil, e na França, quando cheguei na França, eu tive contato com organizações políticas como a Liga Comunista Revolucionária, que é uma organização francesa, de extrema-esquerda, onde haviam mulheres, grupos de mulheres que trabalhavam entre elas, sobre as suas reivindicações, a sua opressão enquanto mulheres, etc. Então havia grupos feministas e feministas no interior da organização, tanto que haviam, por exemplo, mulheres que diziam que elas eram o pseudônimo, né, tinha que ter o nome de guerra e elas usavam como nome de guerra, por exemplo, Kollontai, que era o nome de uma mulher da Rússia, revolucionária, da Rússia de depois de dezessete, né? Então eu acho que aí eu tive uma influência, digamos, política de ideias feministas dentro de uma organização política que não era brasileira e que se preocupava com questões do feminismo.

Orador K: Essa coisa de a gente se descobrir feminista no exterior parece que é quase a regra porque a oposição tava muito ligada à Igreja, a oposição ao golpe. E você não ia comprometer uma relação... Porque a pauta era o corpo, o aborto, a pauta desse momento. Você não ia comprometer uma relação com a Igreja que era um dos poucos polos de resistência política, progressista, por pautas que ela não aceitaria. Então foi um pouquinho adiado esse momento, né, no Brasil. Que, aliás, eu acho que só vem retomado mesmo com força total hoje, né, a pauta do corpo, do aborto. Ele é tardio no Brasil.

ORADOR M: Legaliza! O corpo é nosso! É nossa escolha! É pela vida das mulheres! Legaliza! O corpo é nosso! É nossa escolha! É pela vida das mulheres!

Orador K: A gente defendia o direito ao trabalho, defendia... Inclusive na minha área, que era a literatura, a representação era muito discutida, a mulher no mercado literário. Isso era muito discutido tudo, mas se assegurava a pauta do corpo, tranquilamente. Só podia ter o direito reprodutivo e a saúde da mulher, mas a questão de que conflitam com a Igreja ficou segurado um pouquinho.

Orador F: Era delicado discutir direitos sexuais e reprodutivos. A discussão vinha muito porque as mulheres traziam, mas mesmo assim era uma discussão difícil de ser feita por conta das questões internas da Igreja, mas um aliado naquele momento o único aliado possível institucionalmente falando era a Igreja Católica. Então na verdade as feministas fazem essa aliança inclusive porque as igrejas eram locais pra que elas se reunissem com mulheres das

periferias, entendeu? A Igreja funcionou muito como um elo entre as feministas de classe média e as mulheres das periferias.

Orador B: Crescia na periferia muitas organizações de mulheres, umas que assumiam como feminista, outras que não se assumiam como feminista. E essas organizações, que lutavam pela existência, por escola pra seus filhos, por creche, contra a carestia, por uma saúde de qualidade, por acesso pelo menos à saúde, contra a doença, quer dizer, esses grupos, que embora não assumissem a identidade feminista, eles atuavam numa agenda que era duma agenda feminista. E esses grupos, eles eram recheados de mulheres negras. Tinha muitas mulheres negras. As mulheres negras foram chegando, foram se organizando, foram dando tom e foram pintando de uma outra cor esse feminino que vinha sim muito na mão de mulheres com privilégio e, portanto, falando de igualdade, falando de transformar a sociedade, mas não incorporando tudo aquilo que faz com que a desigualdade permaneça.

Orador A: As mulheres brancas burguesas que fundaram o movimento feminista nunca deram crédito ao aprendizado que tiveram com a luta das outras mulheres. Porque as mulheres pobres... Oito de março, o dia internacional da mulher, fala de uma luta de mulheres muito antes do feminismo ter surgido.

Orador E: O fato dessas diferenças entre as mulheres não aparecer dá margem a uma crítica importante das mulheres negras ao movimento feminista de mulheres brancas reivindicando alguma coisa que parecia ser igualdade em relação aos homens, mas ignorava as diferenças entre as mulheres. Essa crítica foi feita no primeiro momento, desde o primeiro momento.

Orador N: Nos Estados Unidos, aqui, na França, na Alemanha, todo lugar onde negras e brancas conviviam no mesmo território vivia uma situação, né, o feminismo das mulheres brancas burguesas, né, com uma corrente forte, né, que de fato influenciou o ocidente inteiro, falava dum ponto de vista muito individual, se é que se pode dizer. De um grupo bem pequeno de mulheres do mundo, não só da diáspora, não só do ocidente. Mas ganhou muito espaço porque eram mulheres, apesar de discriminadas pelo patriarcado, mulheres privilegiadas, brancas, burguesas, morando na Europa ou nos grandes... Nas grandes cidades das Américas.

Orador K: Eu fiz esse batismo feminista nos Estados Unidos onde ser feminista era um status mais legal. Então eu voltei falando essa palavra, levei logo vários senões, mas eu mantive um pouco ela e não senti desconforto por causa disso, eu tava americanizada, eu acho. Mas no Brasil sempre foi muito difícil.

Orador E: O feminismo era um rótulo que incomodava muito as outras pessoas. Então era um rótulo que em vez de aproximar a gente da sociedade como um todo e dos homens e tudo, às vezes até reforçava uma... Um estranhamento e daí um distanciamento. Você tinha pessoas que... Mulheres que iam mais por uma estratégia do confronto e tinha outras que iam por uma estratégia do diálogo, do trazer à luz as questões. Me lembro bem que um dos títulos do jornal Mulherio era assim "os surdos falam às mudas". Os surdos eram os homens que não

ouviam o que as mulheres queriam dizer e as mudas eram as mulheres que naquele momento uma pesquisa que se mostrou que apesar disso que se diz que a mulher fala muito, não. Mulher fala muito menos do que o homem. Esse muito é uma avaliação subjetiva baseada, assim, bom, eu não quero ouvir nada de você. Se você já fala um pouquinho que seja eu já acho muito. Então por isso que a gente brincou com o título os surdos falam às mudas, né?

Orador A: Primeira coisa que tem nesse ponto é que o discurso conservador foi muito competente em estigmatizar o termo feminista como uma coisa negativa. Você pode lembrar de frases, por exemplo, quando a própria Rose Marie Muraro trouxe a Betty Friedan ao Brasil nos anos setenta, no começo dos anos setenta, homens de esquerda, progressistas, do Pasquim, lutando contra a ditadura, receberam a Rose e a Betty Friedan da pior forma possível, a ponto de haver uma frase que dizia "o único movimento de mulheres que eu respeito é o dos quadris". Mas isso não foi dito pelo Bolsonaro, né? Isso foi dito por gente... Por homens supostamente progressistas ou de esquerda ou que defendiam lu... Bandeiras com as quais era possível se identificar, que era o fim da ditadura, a volta de democracia etc.

Orador E: Eu me lembro de um comentário acho que no jornal Pasquim, que era o mesmo jornal que podia estampar a Leila Diniz dessa forma e numa entrevista histórica que a Leila Diniz deu, que ela falou tanto palavrão, saíram só estrelinhas na entrevista que ela deu, nesse mesmo jornal um jornalista se dá ao direito de escrever assim "ah, essa senhora Betty Friedan veio pro Brasil pra advogar a liberação das mulheres, por mim ela tá liberada". Tipo, assim, com uma mulher tão feia eu não vou querer nada. Um comentário totalmente jocoso e desrespeitoso, né?

Orador B: Eu acho que quando o feminismo ressurgiu na década de setenta e começa a ter visibilidade, nós vamos ter uma reação também da mídia. Assim como a reação da sociedade. Obviamente que a imprensa traduz muito aquilo que a sociedade está pautando. Né? Então você vai ter, por exemplo, jornais criticando as mulheres, criticando o feminismo, dizendo que são mulheres que estão estabelecendo uma guerra entre o sexo, umas mulheres que querem ocupar lugar dos homens. Então faziam muita charge, faziam um humor muito desrespeitoso, faziam uma propaganda contrária ao feminismo. Então fomos chamadas de mal-amadas, fomos chamadas de mulheres mau humoradas, fomos chamadas daquelas que queriam destruir as famílias. Então nós tivemos também que enfrentar a reação daqueles que não queriam obviamente perder nenhuma vírgula do poder e da sua autoridade total sobre meta... A outra parcela da população que era as mulheres. Então eu acho que a segunda onda feminista, com todas as dificuldades, ela teve muitas conquistas, e é importante a gente não esquecer o quanto vale a pena lutar e resistir. Por exemplo, a Lei Maria da Penha, conquistamos o País, que é o Programa de Atenção Integral à Saúde das Mulheres, que é um dos programas mais contundentes, mais inovadores de pensar a saúde na sua integralidade. As mulheres conquistaram o seu direito de ir e vir, quer dizer, as mulheres conquistaram o direito de terem CPF, porque nós somos da década onde a declaração do imposto de renda era feita pelos maridos. A minha transferência, se eu quisesse transferir de trabalho, só poderia mudar de cidade com a autorização do marido. Abrir conta bancária com

autorização dos maridos. Então outra questão uma conquista também importante pra lembrar a licença-maternidade de cento e vinte dias, a licença-paternidade, o direito das trabalhadoras doméstica, a questão que o racismo é crime. Né? Então eu acho que pautar essas discussões foi um avanço numa sociedade que estava calada diante disso.

Orador D: Importante falar da lei do divórcio, né, que em mil novecentos e setenta e nove trouxe mais liberdade pras mulheres, porque sem dúvida mulheres que ficaram... Ficavam oprimidas, com medo de se libertar do casamento, de um casamento opressor. Tantos casos de mulheres que apanhavam de homens, né? E a lei do divórcio foi importante pra essa libertação. Então foram conquistas vindo e conquistas com a... Com as leis trabalhistas, conquistas com a constituição, né? A constituição de mil novecentos e oitenta e oito no papel ela foi muito avançada.

Orador C: A campanha que foi feita era "constituente pra valer tem que palavra de mulher". Né? E organizada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que foi uma negociação das feministas, que tavam engajadas em partido político com o então candidato Tancredo Neves, e esse acordo foi cumprido pelo que vai ser o presidente Sarney.

Orador E: Eu acho que a nossa luta, assim, de todo mundo que se envolveu em algum momento com expressar a condição feminina através da imprensa, da imprensa escrita, de rádio, de TV, hoje a gente vê um protagonismo feminino que era absolutamente impensável na década de setenta, na década de oitenta. Acho que o legado principal foi esse. Temos uma voz, queremos que essa voz seja ouvida. E nós temos coisas importantes pra dizer e coisas que podem melhorar não só a vida da gente, mas podem melhorar o mundo. Acho que a gente quer trazer isso à tona e conquistar a luz do sol pra poder falar isso, conquistar os espaços públicos, os espaços da mídia, não ficar lá confinadas a um lugar à beira de um fogão, né? Ou seja, hoje a gente vê uma das palavras de ordem, o lugar da mulher é onde ela quiser estar. Né?

Orador G: Somos todas filhas de nossos momentos, né? Então a minha geração teve esse impacto das nossas mães, do primeiro pensamento sobre divisão de tarefa em casa. Isso foi dessa época, dos anos sessenta pra setenta.

Orador D: Eu me sentia muito à sombra de meus irmãos, que era... Que me influenciaram muito, né? Então era uma participação que eu vinha ao longo do tempo tendo consciência de que eu era importante também, né? A minha luta era importante, mas isso daí me deixava um pouco incomodada. Né? De eu me sentir a irmãzinha, a igualzinha. Agora eu tenho consciência de que eu não era só a irmãzinha. Eu era Fátima, né? Na época eu tinha um codinome de Márcia. E que tinha uma luta específica ali, nossa luta, né, que era... Englobava a questão das mulheres porque era a luta por direitos de uma maneira geral, e o direito das mulheres estava incluída.

Orador B: Eu acho que a gente vem dessa geração que ocupou as ruas, que ocupou as praças, que reivindicou um novo jeito de viver, um novo jeito da liberdade, um novo jeito de vestir.

Então acho que nós fomos muito beneficiárias. Nós, a sociedade toda no Brasil e no mundo, beneficiárias dessa proposta de fazer política de um jeito mais afetuoso, fazer política de um jeito mais harmônico, fazer política reivindicando a paz, fazer política propondo a liberdade, o direito de ir e vir, a autonomia das pessoas. Eu acho que foi uma época de muita energia, de muita utopia, e eu acho que a utopia no sentido muito saudável. Existe uma luz no final do túnel, existia uma primavera anunciando, e aí eu acho que nós somos filhas, nós somos dessa geração aí do movimento hippie, que aconteceu no mundo inteiro.

Orador C: É a geração de setenta, esta geração que é a minha, que vai fazer a diferença porque nós vamos massivamente pro ensino superior e as mulheres brasileiras que começaram o século vinte analfabetas, oitenta por cento das mulheres brasileiras eram analfabetas em... Na virada do século dezenove pro vinte. E nós vamos terminar o século vinte mais alfabetizada que os homens. um ano a mais que eles, mas isso é um fato significativo porque o Estado brasileiro nunca fez força pra educar ninguém, nem homem nem mulher. Mas sobretudo as mulheres eram relegadas a uma... A um papel extremamente secundário na sociedade. Então aquela geração de mil novecentos e setenta, que é essa geração, vai fazer a diferença.

Orador A: Eu sou de uma geração que passou a vida estudantil oprimida sem poder fazer movimento estudantil, grêmio ou o que seja, porque a ditadura não deixava. Na hora que eu entro pra universidade, que coincide com o momento da abertura política, pós-anistia, e que estamos então todos tentando reconstruir a ideia de direitos civis, como assim eu tô lutando por direitos civis, mas têm direitos que eu não tenho por que eu sou mulher? Isso se coloca como um paradoxo pra mim a partir daí. Né? Porque até então eu tinha certamente escutado essa frase "você não pode fazer isso porque você é menina" dezenas, centenas e milhões de vezes. E é claro que eu não escutei essa frase ah, da minha mãe, ah, do meu pai. Eu escutei do mundo. Né? Todo o mundo dizia isso, a escola dizia, né, em casa dizia, a rua dizia. Todo mundo dizia essa frase. Né? E eu absolutamente engajada na retomada de uma vida democrática não conseguia entender. E aí eu fui pensando em como é que eu ia achar um jeito de fazer aquilo que eu queria mesmo sendo menina. E isso é uma forma de ser uma feminista.

Orador F: O feminismo pra mim é a gente não se sentir diminuída pelo fato de ser mulher. É a gente assumir com as dores que cada um tem, com as delícias que cada uma tem, a sua condição de mulher. Né? Eu acho que sem subserviência, agora também sem a pretensão de imposição, mas com altivez, com dignidade. Pra mim é isso. E essa coisa que se desenrola muito dentro do cotidiano pra você poder exercer isso sem culpa, sem drama, e exercer com plenitude o seu ser no mundo.

Orador D: Eu acho que o legado do feminismo é o legado de luta, é o legado de tomada de consciência cada vez maior de que a mulher tem força, de que as mulheres fazem a história, as mulheres ao longo da história elas tiveram papel importantíssimo, nós, mulheres, tivemos papel importantíssima. E eu descobri que eu não era só igualzinha, eu não era só irmãzinha,

mas eu fui a Fátima, ativista política, que ao longo do tempo aí foi amadurecendo e se descobrindo como uma mulher aguerrida.

Orador M: Vem! Vem! Vem pra rua vem contra o machismo...

Orador K: Pra gente o pessoal era político, que foi a grande descoberta da minha geração. E agora, pras meninas, o político é pessoal. Você faz da sua pessoa uma política. É uma demanda pessoal, a plataforma é o seu corpo, é a sua cara, é o seu black bloc, é o seu, enfim. É como você tá se apresentando como pessoa e é como pessoa que você faz a demanda. Tanto que se você olhar as demandas são milhares, né? Elas agora elas que realmente se fazem escutar. Elas ficam peladas, pronto. Elas fazem uma coisa de uma tal contundência que você ouve. A escuta ampliou loucamente. Ecoa o feminismo de hoje em outras praças que não as nossas, das mulheres. E esse feminismo novo ele tem uma vitalidade e uma criatividade. Ele foi ao ponto, que eu me lembro de eu fazer, eu queria é que os estudos feministas tivessem um lugar no futuro dentro daquela faculdade. Eu queria que a causa feminista se resolvesse, mas eu tava sempre pensando depois. Essas meninas já chegam com esse direito garantido. Eu não vejo nenhuma delas lutar pra conseguir uma coisa. Elas já têm, elas tão reclamando porque tão transgredindo. E, assim, eu tô babando com essas meninas. Isso é muito lindo tudo isso. Elas tão que tão.

...

Fim da Transcrição 00:52:35